

ARTIGO ORIGINAL DE TEMA LIVRE

## **USO DO RÁDIO PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: PERCEPÇÃO DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE**

*Benazir Benício da Silva<sup>a</sup>**Samantha Quitête Travasso<sup>b</sup>**Danielli Gavião Mallmann<sup>c</sup>**Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos<sup>d</sup>*

### **Resumo**

Os meios de comunicação são difusores de mensagens e podem ser usados como ferramentas para educação em saúde, que pode ser difundida pelo uso do rádio, por este ser o meio de comunicação mais acessível para a população e profissionais da saúde, como o Agente Comunitário de Saúde, que é o responsável pela interlocução das necessidades da comunidade e os serviços de saúde. O objetivo deste estudo é identificar as opiniões dos Agentes Comunitários de Saúde sobre o uso do rádio como ferramenta para a realização da educação em saúde. Trata-se de estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 11 Agentes Comunitários de Saúde, em Recife, Pernambuco, Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e processados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Surgiram as seguintes ideias centrais: o rádio como fonte de informação em várias áreas; o rádio como ferramenta de abrangência das ações da Estratégia de Saúde da Família; a rádio comunitária não desperta interesse de escuta na comunidade; a linguagem acessível e que promova sentido a essa população; o uso do rádio requer planejamento dos conteúdos a serem abordados; a participação da comunidade na programação da rádio. Concluiu-se que há interesse do Agente Comunitário de Saúde no uso de novas tecnologias, o que impulsiona reflexões sobre a necessidade de capacitação desses profissionais para utilização das ferramentas radiofônicas. Além disso, são indispensáveis a participação da comunidade e a inclusão, nas discussões, das suas necessidades.

**Palavras-chave:** Agentes comunitários de saúde. Rádio. Educação em saúde.

<sup>a</sup> Enfermeira. Residente em Saúde da Família. Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira. Recife, Pernambuco, Brasil.

<sup>b</sup> Enfermeira. Residente em Enfermagem em Centro Cirúrgico. Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira. Paulista, Pernambuco, Brasil.

<sup>c</sup> Enfermeira. Mestre em enfermagem. Hospital Universitário de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>d</sup> Enfermeira. Doutora em enfermagem. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil.

**Endereço para correspondência:** Travessa Cosme Viana, número 91, Afogados. Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50830-151. E-mail: benazir.benicio@gmail.com

USE OF RADIO TO HEALTH EDUCATION: PERCEPTION  
OF THE COMMUNITY HEALTH AGENT

**Abstract**

*The means of communication are message broadcasters and can be used as tools for health education, which can be disseminated through the use of radio because it is the most accessible means of communication for the population and health professionals, such as the Community Health Agent, who is the responsible for communicating community needs and health services. The objective this study is to identify the opinions of the Community Health Agents about the use of radio as a tool for the realization of health education. This is a descriptive, exploratory study, of qualitative approach, performed with 11 Community Health Agents, in Recife, Pernambuco, Brazil. The data were collected through semi-structured interviews and processed by the technique of Collective Subject Speech. The following central ideas emerged: the radio as a source of information in several areas; the radio as coverage tool of the Family Health Strategy actions; the community radio doesn't rise the listening interest in the community; the accessible language that promotes meaning for this population; the use of radio requires planning of the contents to be addressed; the community participation in the radio programing. In conclusion, there is interest of the Community Health Agent in the use of new technologies, that boosts reflections on the need for training those professionals for the use radiophonic tools. Besides that, the community participation and inclusion in the discussions about their needs are indispensable.*

**Keywords:** Community health workers. Radio. Health education.

USO DE LA RADIO PARA LA EDUCACIÓN EN SALUD: PERCEPCIÓN  
DEL AGENTE COMUNITARIO DE SALUD

**Resumen**

Los medios de comunicación son difusores de mensajes y pueden ser usados como herramientas para educación en salud, que puede ser difundida por el uso de la radio por ser el medio de comunicación más accesible para la población y profesionales de la salud, como el Agente Comunitario de Salud que es el responsable de la interlocución de las necesidades de la comunidad y los servicios de salud. El objetivo de este estudio es identificar las opiniones de los Agentes Comunitarios de Salud sobre el uso de la radio como herramienta

para la realización de la educación en salud. Tratase de un estudio descriptivo, exploratorio, con enfoque cualitativo, realizado con 11 Agentes Comunitarios de Salud en Recife, Pernambuco, Brasil. Los datos fueron recogidos por medio de entrevistas semiestructuradas y procesados por la técnica de Discurso del Sujeto Colectivo. Surgieron las siguientes ideas centrales: el radio como fuente de información en varias áreas; el radio como herramienta de cobertura de las acciones de la Estrategia Salud de la Familia; la radio comunitaria no despierta interés de escucha en la comunidad; el lenguaje accesible y que promueve sentido a esa población; el uso de la radio requiere planificación de los contenidos a ser abordados; la participación de la comunidad en la programación de la radio. Concluyóse que hay interés del Agente Comunitario de Salud en el uso de nuevas tecnologías, lo que impulsa reflexiones sobre la necesidad de capacitación de estos profesionales para la utilización de las herramientas radiofónicas. Además, son indispensables la participación de la comunidad y la inclusión, en las discusiones, de sus necesidades.

**Palabras clave:** Agentes comunitarios de salud. Radio. Educación en salud.

## INTRODUÇÃO

A universalidade no acesso à saúde, instituída como uma diretriz do Sistema Único de Saúde (SUS), acarretou intensa modificação dos serviços de saúde para suprir as demandas da população e priorizar ações de promoção da saúde e prevenção de agravos. Ademais, foram estabelecidas políticas públicas que reestruturaram a saúde no país, tais como o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e o Programa de Saúde da Família (PSF), que, após as determinações da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), transformou-se em Estratégia de Saúde da Família (ESF)<sup>1</sup>.

Nesse contexto, destaca-se a inclusão do Agente Comunitário de Saúde (ACS) na equipe de saúde da família, o qual é considerado personagem-chave na implantação das intervenções voltadas para a reorientação do modelo de atenção à saúde. A PNAB orienta as funções do ACS, como o desenvolvimento de atividades de promoção da saúde, prevenção das doenças e agravos e de vigilância à saúde de até 750 pessoas em sua área adscrita<sup>2</sup>.

A grande demanda de trabalho do ACS aumenta a busca por novas alternativas para atuar junto à comunidade. O envolvimento de tecnologias da comunicação (televisão, rádio, jornal e internet) em ambientes educativos como escolas, Organizações Não Governamentais (ONGs), espaços públicos, entre outros, caracteriza a educomunicação<sup>3</sup>, que almeja aumentar o coeficiente comunicativo das ações educativas e transcender o simples uso das mídias para

educação, além de retomar a participação democrática dos espaços educativos pelos atores sociais, alvos de intervenções<sup>4</sup>.

Nessa conjuntura, o uso do rádio como difusor de informações sobre prevenção de doenças é realizado desde os anos 1920, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública<sup>5</sup>. Gestores de saúde entendem os meios de comunicação como difusores de mensagens de cunho higienista, ligados principalmente na prevenção de doenças da população<sup>6</sup>, porém, destaca-se o uso como ferramenta comunitária de participação social sobre a saúde<sup>4</sup>. Entre as estratégias de participação da comunidade na saúde está a educação em saúde, que pode ser difundida pelo uso do rádio, por este ser o meio de comunicação mais acessível.

Ressalta-se, então, o papel dos ACSs como responsáveis pela interlocução das necessidades da comunidade e os serviços de saúde<sup>7</sup>. Entretanto, ainda são escassas as publicações que englobam essa temática, o que torna de grande importância este estudo, pois pretende-se introduzir o rádio no cotidiano de trabalho dos ACSs e, para isto, faz-se necessário entender o seu posicionamento quanto ao tema. Assim, este estudo objetivou identificar as opiniões dos ACSs sobre o uso do rádio como ferramenta para a realização da educação em saúde no seu cotidiano de trabalho.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado na Unidade de Saúde da Família (USF) Campo do Banco, situada no bairro Várzea, integrante do Distrito Sanitário de Saúde IV da cidade do Recife, Pernambuco. O local foi escolhido por fazer parte da área de atuação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

A coleta de dados foi realizada em abril e maio de 2014 com 11 ACSs que aceitaram participar da pesquisa após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram realizadas entrevistas, com auxílio de um questionário semiestruturado que continha informações sociodemográficas e os seguintes questionamentos: 1) Qual sua opinião sobre a utilização do rádio para os trabalhos de educação em saúde? 2) Como você utilizaria o rádio para fazer educação em saúde?

Por fim, os dados foram processados com base na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos<sup>8</sup>. Para a construção do DSC, extraíram-se as Expressões-Chave (ECHs) para revelar a essência do documento, e identificaram-se as Ideias Centrais (IC) a fim de sintetizar o discurso. Construíram-se

discursos-síntese, na primeira pessoa do singular, baseados em representações sociais semelhantes, compostos pelas ECHs que possuem a mesma IC correspondentes<sup>8</sup>.

O presente estudo ocorreu após obtenção da carta de anuência pela Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFPE, em cumprimento à Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sob o número CAAE: 15494413.8.0000.5208.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A amostra do estudo foi composta por 11 ACSs, 9 mulheres e 2 homens, com idades entre 18 e 66 anos. Quanto ao estado civil, 5 são casados ou apresentam união estável, 3 divorciados, 2 solteiros e 1 viúvo. Quanto à escolaridade, 1 possui ensino superior completo (pedagogia), 3 cursam ensino superior (bacharelado em letras, direito e serviço social) e 7 possuem ensino médio completo. Com relação ao tempo de exercício da profissão, a maioria, sete, atua há mais de dez anos.

Do primeiro questionamento, estabeleceram-se as seguintes ideias centrais: o rádio como fonte de informação em várias áreas; o rádio como ferramenta de abrangência das ações da USF; a rádio comunitária pode não despertar interesse de escuta na comunidade. Da segunda questão: a linguagem acessível e que promova sentido para essa população; o uso do rádio requer planejamento dos conteúdos a serem abordados; a participação da comunidade na programação da rádio.

### **USO DO RÁDIO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

Os meios de comunicação exercem grande influência no cotidiano das pessoas, em que é impossível pensar na cultura sem associá-la aos meios de comunicação. As múltiplas representações dos sons e imagens modificam o indivíduo em todo o seu meio cultural, em que surge, com base neste pressuposto, o conceito de homens-massa, homens pertencentes a “uma cultura de massa”, unidos por uma comunicação que rompe as barreiras das diferenças sociais e leva a unificação de um povo<sup>9</sup>. Nesse contexto, o rádio é um dos meios de comunicação de maior extensão na sociedade brasileira, consumido por mais de 90% da população<sup>10</sup>, o que torna necessário um olhar crítico sobre os conteúdos e a forma que eles veiculam.

Os conteúdos abordados pelo rádio podem ser dos mais variados e dependem do interesse de cada cidade/região ou mesmo da sua natureza (rádio comercial, comunitária ou educativa). Temas como meio ambiente, saúde e educação podem ser abordados em qualquer

emissora de forma geral, sem perder de vista as questões regionais; já as temáticas locais devem ser produzidas baseadas em de cada realidade<sup>9</sup>.

No tocante ao uso do rádio para ações de educação em saúde, este é um meio de informação que aumenta o alcance das ações da USF, porém pode não despertar o interesse na população, mesmo com conteúdos relacionados à saúde e de relevância para a comunidade.

### **Ideia central: O rádio como fonte de informação em várias áreas**

O rádio pode ser entendido como parceiro no processo educacional, sem a pretensão de substituir as ações de educação em saúde dos profissionais da USF, mas complementar o processo de aquisição de conhecimentos, promoção de debates sobre as demandas da comunidade e abrir novos caminhos para o alcance da população<sup>11</sup>.

Como estratégia de ampliação da participação da sociedade na saúde, tem-se a educação em saúde baseada na concepção da educação libertadora, entendida como um processo de construção e reconstrução do conhecimento, que tem como enfoque contribuir para a autonomia das pessoas no seu cotidiano, para a cidadania e para o exercício do controle social<sup>12</sup>. Nesse contexto, as rádios comunitárias podem ser um espaço de comunicação em saúde, por meio de processos educomunicativos, em que a população participa ativamente, emite suas opiniões e ressignifica a mensagem mediante suas experiências de vida<sup>13</sup>.

A utilização dos programas de educação em saúde via rádio, em parceria com a USF, possibilita divulgar atividades, rotinas, prazos, locais e horas de atendimento da equipe de saúde, bem como mobiliza a participação dos comunitários no serviço<sup>13</sup>. Ademais, os ACSs percebem a utilização do rádio como meio de facilitar o alcance à informação para as famílias que possuem limites de acesso aos serviços de saúde, o que corrobora estudo realizado em Rio Negro (MS)<sup>11</sup>.

“Sei que é uma fonte de informação, uma forma de transmissão para que aquela pessoa escute algo que venha responder uma dúvida dela. Mesmo com o advento da internet, com meios mais rápidos, o rádio tem um papel fundamental de informar sobre diversos assuntos, principalmente na área de saúde. A gente aqui do posto tem costume de escutar rádios que informem sobre saúde, como o bem-estar na televisão. Também é uma forma de divulgar os nossos trabalhos, tem um papel importante de informação na sociedade.” (DSC 1).

### **Ideia central: O rádio como ferramenta de abrangência das ações da USF**

Na área rural, em lugares de difícil acesso ou área sem cobertura da USF, onde os ACSs não podem ou sentem dificuldade em realizar suas atividades de acompanhamento das famílias, como a realização da visita domiciliar, os programas de saúde via rádio apresentam-se como alternativa de informação em educação em saúde. O rádio, por ser um aparelho que não necessita de uma fonte de energia elétrica contínua, possibilita a transmissão de informações da cidade para o homem do campo sem necessitar de um aparato, como a televisão<sup>10</sup>.

“Como a gente não faz cobertura da área, o rádio também leva a informação para aquelas pessoas que a gente não visita, onde não consegue alcançar. O pessoal ouve muito rádio ainda, assim nós vamos conseguir alcançar uma massa maior e eles não precisam sair da casa deles; e em casa mesmo, eles estão ouvindo, tendo uma orientação.” (DSC 2).

Em contrapartida, alguns ACSs afirmam que, por possuir um perfil de caráter educacional, os programas de saúde podem não despertar a atenção dos ouvintes que apresentam interesse em programações musicais ou religiosas. Além disso, como o ACS é responsável por realizar atividades de educação em saúde junto aos comunitários, este pode ter pouco interesse em realizar outras atividades e considerar as informações educativas enfadonhas aos ouvintes.

### **Ideia central: A rádio comunitária pode não despertar interesse de escuta na comunidade**

Como há diversidade dos ouvintes do rádio, não é possível prever a real compreensão da mensagem veiculada, principalmente em programas cuja participação de profissionais que usam linguagem técnica científica dificulta o entendimento da população. Igualmente, por ter uma gama de ouvintes, não se pode afirmar quais assuntos despertam maior interesse para determinada população sem a pesquisa prévia.

“Eu acho que não serve como ferramenta em educação em saúde, porque eu não costumo ouvir rádio comunitária e muitos deles não escutam a rádio comunitária, só aquelas que têm mais mídias, outros por serem evangélicos. Depende de como é tratada a educação no rádio, acho que, por ser uma coisa educativa, é meio chata de ouvir, vai se tornar mais repetitivo e vai ser um trabalho redobrado.” (DSC 3).

## PLANEJANDO O USO DO RÁDIO PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A comunicação é compreendida como o processo de troca e reconhecimento das informações fornecidas entre as pessoas e compartilha o significado de ideias, pensamentos e propósitos<sup>14</sup>. Conforme o Ministério da Educação, a relação interpessoal numa comunidade somente é possível através do uso de símbolos orais, textuais, gráficos e sonoros entre um indivíduo emissor e um receptor ao utilizar mídias que caracterizam novas combinações das possibilidades de comunicação<sup>15</sup>.

O uso da linguagem radiofônica no processo educativo institui uma nova escolha para o processo de aprendizagem e favorece o acesso à informação, comunicação e interação social<sup>5</sup>. Dentre as diversas funções existentes no rádio, quando utilizado com cunho educativo, o ouvinte conecta-se com a linguagem utilizada, com a informação fornecida e com os valores culturais presentes. Dessa forma, os programas de rádio devem fornecer um padrão desejável de linguagem para melhor compreensão da comunidade<sup>16</sup>.

A fala rápida se constitui como empecilho na comunicação, o que torna importante a adequação de técnicas vocais para a melhor compreensão. Nesse intento, a dicção é o principal fator para o bom entendimento das palavras e consequente eficácia da comunicação<sup>13</sup>, como os ACSs relataram no discurso.

### **Ideia central: A linguagem acessível e que promova sentido para essa população**

Ao pensar no uso do rádio como estratégia de comunicação, é de suma importância ressaltar a utilização de uma linguagem apropriada para retratar a realidade apresentada nos discursos dos interlocutores e, desse modo, refletir suas próprias experiências, a fim de despertar a troca de aprendizado e o sentimento de pertencimento social<sup>5</sup>. É importante destacar que a fala de especialista não garante qualidade na função educativa em compreender e ser compreendido<sup>17</sup>, visto que termos técnico-científicos dificultam a troca de informações com os ouvintes, que detêm o conhecimento popular.

“Um programa mais claro e detalhista possível para que chegue mais perto da compreensão da pessoa. Seria interessante um programa que envolvesse a comunidade com uma linguagem mais simples, para que as pessoas se identifiquem mais, principalmente aqui em Recife, pois na atenção básica tem pessoas de um nível educacional bem reduzido, são pessoas leigas, desinformadas.” (DSC 4).



Os ACSs recomendam que, para utilizar o rádio como estratégia de educação em saúde, é necessário planejamento das atividades, visto que a produção de programas de caráter educativo requer maior preparação e discussão dos temas a serem abordados. Outrossim, o ato de educar não consiste meramente na transmissão de conteúdo, a educação em saúde deve estar pautada na identificação das necessidades dos indivíduos, os quais devem ter sua visão de mundo respeitada, o seu conhecimento prévio e história de vida valorizados, ou seja, deve estar baseada na troca de saberes, em que o indivíduo torna-se agente educativo<sup>18</sup>.

Em estudo que analisou como ocorre a comunicação de riscos sanitários e a influência sobre seus ouvintes, constatou-se que o planejamento do programa era levado a sério e abordava parte rotineira dos cuidados em saúde realizados pela equipe. Entretanto, havia espaço para o inusitado, o andamento ao vivo, o que exigia mais preparo que ler um texto, pois pressupõe conhecer o assunto<sup>13</sup>. Afirmções que estão de acordo com o discurso dos ACSs quanto ao planejamento para o uso do rádio como meio de educação em saúde no cotidiano de trabalho.

**Ideia central: O uso do rádio requer planejamento dos conteúdos a serem abordados**

Outro estudo<sup>11</sup>, com produção de programa de saúde comunitário, sugere um modelo simples de organização dos programas, com o seguinte formato: abertura com utilização de vinhetas; apresentação dos participantes e sua atuação ao início de cada programa; esclarecimento do tema semanal, que deverá ser desenvolvido entre 10 a 15 minutos; uso do intervalo na programação, que poderá ser veículo de informação de campanhas do Ministério da Saúde e Governo Federal; momento de controle social que abre espaço para debates acerca dos direitos dos usuários do SUS, além de avisos e recados voltados aos usuários atendidos pela USF.

Semelhante a esse modelo, estudo realizado em Sobral (CE)<sup>19</sup> ressalta a importância do planejamento a fim de que os programas não se apresentem como informes técnicos de saúde, o que pode compreender um mero repasse de informações, mas manifestem-se como programas que estimulam a reflexão da problemática local, promovem soluções para os problemas do dia a dia e utilizam linguagem clara em harmonia com as características culturais da população.

“Se fosse envolvente eu faria, se tivesse um texto interessante. A gente vai ter que estudar, fazer uma programação pra chegar e falar, saber como falar, porque a

gente não vai falar qualquer coisa no rádio. Tem que ter todo o processo de um projeto, de escrever para saber o que vai falar e como falar, o que vai utilizar, o que vai chamar a atenção da pessoa.” (DSC 5).

Outro aspecto intimamente relacionado à educomunicação é a participação da comunidade para romper a forma tradicional de fazer comunicação, a qual não estimula a criticidade e deixa sob a influência daqueles que detém o poder dos meios de comunicação, como políticos, empresários e as próprias emissoras de rádio e televisão<sup>9</sup>.

### **Ideia central: A participação da comunidade na programação da rádio**

Ao incorporar os meios de comunicação como recurso, é necessário cautela para que este não constitua meramente um recurso pedagógico e seja percebido em sua função de interação social, em que o comunitário participa desse espaço a fim de proporcionar debates e decisões sobre questões importantes da sua comunidade<sup>20</sup>. Abordar temáticas de saúde com o uso das rádios comunitárias mostra-se como mecanismo para ampliação da participação e processo de controle social no contexto da gestão descentralizada da saúde<sup>5</sup>.

“De repente chamar uns comunitários para serem entrevistados no programa, para eles falarem sobre suas necessidades. Acho que deve ser feito em cima do que a maioria quer, né. Porque eles contribuindo, vão escutar o que eles querem.” (DSC 6).

O envolvimento da população em rádio comunitária promove o protagonismo dos sujeitos em suas próprias necessidades, constrói, de forma coletiva, educação para a cidadania e promove a interlocução singular entre o emissor e receptor capaz de alterar a visão político-social local<sup>21</sup>. Entretanto, a participação comunitária ainda é precária, pois há o desconhecimento das funções da rádio, bem como falta o seu reconhecimento como representante popular<sup>17</sup>.

Destaca-se, ainda, que há outros obstáculos para a implantação de rádios comunitárias no âmbito da saúde, como a desconfiança da saúde coletiva em considerar a rádio como espaço eficaz para trabalhar a educação em saúde, a atenção em não verticalizar as informações e o cuidado em incluir análise crítica dos comunitários a fim de evitar discursos hegemônicos<sup>17</sup>.

## **CONCLUSÃO**

Diante dos resultados, concluiu-se que existe o interesse dos ACSs em utilizar o rádio como um novo instrumento de educação, visto que as ferramentas de comunicação podem contribuir na divulgação de informações sanitárias e de educação em saúde para um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Entre os benefícios do uso dessa mídia, evidenciados nesta pesquisa, estão a fonte de informação e o aumento da abrangência das ações da USF.

Em contrapartida, foi relatado que o interesse da população no programa de educação em saúde do rádio dependerá de como este será planejado e construído, pois é indispensável a participação da comunidade e também a busca em abranger, nas discussões, as suas necessidades. Diante disso, é necessário que os profissionais da saúde busquem divulgar os benefícios que a mídia comunicativa pode alcançar, para que as intervenções de educação em saúde não sejam vistas como um trabalho a mais e sim, como um meio de promover a saúde da população.

As pesquisas acerca dessa temática ainda são escassas, o que nos leva a sugerir que novas pesquisas nessa área e ações de extensão universitária sejam realizadas para fortalecer e subsidiar a prática de educomunicação junto aos profissionais de saúde em seus vários campos de atuação. Com isso, tornam-se importantes as parcerias entre as unidades de saúde e as universidades ou outros parceiros que possam contribuir na formação do profissional como um educador.

## **COLABORADORES**

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Benazir Benício da Silva, Samantha Quitête Travasso, Danielli Gavião Mallmann e Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos.

2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Benazir Benício da Silva, Samantha Quitête Travasso, Danielli Gavião Mallmann e Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos.

3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Benazir Benício da Silva, Samantha Quitête Travasso, Danielli Gavião Mallmann e Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos.

4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Benazir Benício da Silva, Samantha Quitête Travasso, Danielli Gavião Mallmann e Eliane Maria Ribeiro de Vasconcelos.

## REFERÊNCIAS

1. Filgueiras AS, Silva ALA. Agente Comunitário de Saúde: um novo ator no cenário da saúde do Brasil. *Physis*. 2011;21(3):899-915.
2. Gomes KO, Cotta RMM, Cherchiglia ML, Mitre SM, Batista RS. A práxis do agente comunitário de saúde no contexto do programa saúde da família: reflexões estratégicas. *Saúde Soc*. 2009;18(4):744-55.
3. Carvalho JAS. Psicologia social e educomunicação: questões sobre o processo grupal [dissertação]. São Paulo (SP): Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2009.
4. Campos A, Leão I, Deppe L, Nazario N. Construindo a educomunicação: relatos de experiências do Projeto Educom.rádio. *Imaginário*. 2005;11(11):217-37.
5. Roges AL. Produção radiofônica à luz da Teoria do Cuidado Cultural de Leininger [dissertação]. Recife (PE): Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco; 2012.
6. Gallo PR, Blake MT, Motta-Gallo SKA. Rádio comunitária como mecanismo para participação social no contexto da gestão descentralizada dos serviços de saúde. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2011;21(3):841-8.
7. Oliveira GHS, Oliveira SSC, Coqueiro JM, Figueiredo TAM. O agente comunitário de saúde e a sua prática: uma socioanálise. *Rev baiana saúde pública*. 2015;39(2):408-25.
8. Lefèvre F, Lefèvre AMC, Marques MCC. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009;14(4):1193-204.
9. Roldão IC. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Universidade de Brasília. 2006 set 4-9, Brasília (DF); 2006. p. 1-15. [citado 2014 jun 17]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0905-1.pdf>
10. Jurberg C, Macchiute B. Câncer nas ondas do rádio. *Rev Bras Cancerol*. 2007;53(3):291-6.
11. Prado EV, Martins FL, Mattos MCT, Santos AL. Construindo cidadania: educação popular em saúde via rádio comunitária. *Rev APS*. 2011;14(4):497-501.
12. Gazzinelli MF, Colares LG, Bernardino LM, Araújo LHL, Soares AN. "Alô, Doutor!": estudo-piloto de intervenção radiofônica de Educação em Saúde desenvolvida em uma área rural de Minas Gerais. *Physis*. 2013;23(3):965-85.

13. Janes MW, Marques MCC. A contribuição da comunicação para a saúde: estudo de comunicação de risco via rádio na grande São Paulo. *Saúde Soc.* 2013;22(4):1205-15.
14. Morais GSN, Costa SFG, Fontes WD, Carneiro AD. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. *Acta Paul Enferm.* 2009;22(3):323-7.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília; 2012.
16. Cabello ARG. Organização do texto radiofônico: coesão e coerência. *Alfa.* 1994;38:145-54.
17. Oliveira Neto A, Pinheiro R. O que a saúde tem a ver com rádio comunitária? Uma análise de uma experiência em Nova Friburgo-RJ. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2013;18(2):527-36.
18. Patrocínio WP, Pereira BPC. Efeitos da educação em saúde sobre atitudes de idosos e sua contribuição para a educação gerontológica. *Trab Educ Saúde.* 2013;11(2):375-94.
19. Nascimento JA, Dias CV, Rodrigues HC, Passos MRS, Faustino RV. Educação popular na prática do PSF: experiência em rádio comunitária. *SANARE.* 1999;1(1):32-7.
20. Souza LS. A educação pela comunicação como estratégia de inclusão social: o caso da Escola Interativa [dissertação]. São Leopoldo (RS): Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos; 2006.
21. Ribeiro RF. Rádio comunitária: experiência que transforma. *Temática.* 2016;7(6).

Recebido: 30.4.2016. Aprovado: 5.2.2018. Publicado: 6.7.2018.